



Ensaio

O corpo: forma primária do conhecimento

Patrícia Pinheiro de Souza

Carime Zunzarren

Carime Zunzarren

Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário – UMA; Especialista em Arte e Educação pelo CEPEMG; e em Planejamento, Implementação e Gestão em EaD pela UFRJ; Graduada em Desenho e Plástica pela FUMA, atualmente Escola de Design/UEMG; Escultora e professora do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UEMG com forte participação na administração acadêmica.

Contato: carimezunza@gmail.com

Patrícia Pinheiro de Souza

Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais; Especialista em Docência do Ensino Superior pela UFRJ; Aperfeiçoamento em Português, pela União Brasileira de Educação e Ensino (UBEE); Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, atualmente UNI/BH; Professora e Coordenadora do curso de Artes Visuais-Licenciatura da Escola de Design/UEMG.

Contato: patricia.pinheiro@uemg.br

Olhar a natureza pelos sentidos é, antes de tudo, deixar-se contaminar pelo prazer e pela beleza do que se sente e se vê. Os sentidos, assim, seriam a primeira forma de conexão com o mundo, com a natureza e, por que não sugerir, com a própria Arte? Sempre houve uma dicotomia entre o racional e o sensível, ao longo da história, mas, como Michel Maffesoli (2005) esclarece, a junção entre sensibilidade e intelectualidade é vital. Se, por um lado, a modernidade racionalizou o mundo; por outro, a pós-modernidade pode modificar essa ordem. É nessa perspectiva que o nosso primeiro contato com a arte, se não for pelos nossos sentidos, pelas nossas percepções, será sempre a reprodução do ponto de vista do outro, pela racionalidade do outro ou de outros. Dessa maneira, perdemos a oportunidade de nos experimentarmos como sujeitos do próprio conhecimento.

Ostrower (1993) nos convida a pensar a arte como uma linguagem natural do ser humano, sendo essa natureza possível não só para quem julga entendê-la, como também a todos os leigos. A arte, por sua capacidade expressiva e comunicativa, vai além do seu período histórico e de seu contexto. Ela incorpora a experiência, a visão de mundo, estados de ser de cada pessoa, pois, consoante Ostrower (1993), Berkeley (1979 apud TÜRCKE, 2010), os seres humanos são seres absolutamente sensíveis, dependentes do que os seus órgãos de sentido os fazem vivenciar.

Tendo como pressuposto o conhecimento, palavra derivada de *cognoscere*, que, em latim, significa ato de conhecer, o conhecimento envolve o ato de apreender, de ser capaz de abstrair leis do entendimento e entender algo. Nessa direção, Chauí (2003) aponta três concepções principais para o conhecimento: nas teorias empiristas, a percepção é a única fonte de conhecimento. Já nas teorias racionalistas-intelectualistas, a percepção não é confiável, está propensa à ilusão, já que nem sempre a imagem percebida corresponde à realidade: “trata-se de passar do ver ao pensamento de ver, do perceber ao pensamento de perceber” (p.137). O conhecimento, visto pela teoria fenomenológica, denota que a percepção é considerada ordinária e parte principal do conhecimento humano.

Percebe-se que o conhecimento, de certa forma, passa por todos os níveis de experiências. O que se propõe é que se leve em consideração as impressões que o corpo registra, como partes fundamentais no processo de formação do conhecimento, ultrapassando o pensamento cartesiano que ainda influencia, em muito, a vida de um modo geral. Essa lógica diz respeito à concepção de que sensações, percepções estéticas são desconectadas de raciocínio lógico, contrariando o que apregoa Duarte Jr. (2003), de que o homem é um conjunto único de sensibilidade e razão.

No campo da arte, as cores, as formas, as texturas, o cheiro, apresentam-se, para nós, como sensações atreladas às emoções para, logo em seguida, transformarem-se em pensamentos. Esse trânsito, pelas dimensões subjetivas, é a forma mais primária e essencial do conhecimento.

Ao propor “O corpo: forma primária do conhecimento”, isto é, a forma primeira de conexão com o mundo, pretende-se estimular, encorajar, ultrapassar uma visão dualista de aproximação das pessoas com as artes, de maneira que as beneficiem no sentido de assegurar a importância do próprio sentir como caminho para elaboração crítica do que se sente e vê, pois “A arte é e



Foto e escultura: Carime Zunzarren
1999, bronze

deveria ser apenas o que ela é e não tem obrigações de realizar qualquer outra coisa além de ser. (...) Arte é perfeitamente defensável como arte" (MILES, 2013, *apud* PRADO; TAVARES; ARANTES, 2016, p.56).

Em cada dimensão do conhecimento, o corpo apresenta suas particularidades. O coreógrafo Amos Hetz, citado por Greiner (2005), ao fazer um estudo sobre o corpo apresentou três eixos principais: o formal, que investiga as partes do corpo; o emocional-associativo e o sensorio, como diferentes possibilidades de reação do corpo ante as informações que vêm de fora e são internalizados pelo sujeito. Trata-se das emoções e pensamentos como impulso de movimentos entre o dentro e o fora.

Assim, a primeira forma de conhecimento do homem vem do corpo, das reações físicas provocadas por algo, em outras palavras, os sentidos nos dão a conhecer o que foi percebido. É como um bebê que, ao sentir fome, chora para informar seu incômodo da mesma forma quando se sente molhado. O corpo sente e, ao sentir, percebe e elabora mentalmente, como ato natural, a compreensão.

Conforme Martins; Picosque (2008, pg. 37), "o corpo é a porta de entrada de todo conhecimento e por isso o entendimento corpóreo se faz fonte de conhecimento". Nesse sentido, o corpo, como "lugar" das sensações, vai nos permitir a percepção e as elaborações cognitivas, no mesmo sentido que propõe Bondía (2002, p.21), quando esse autor coloca que a verdadeira experiência é "aquilo que nos passa, o que nos acontece e nos toca".

Diante de uma obra de arte, o nosso corpo entra em ação. Se for perante uma escultura, caminhamos a sua volta, olhamos por todos os seus ângulos, imaginamos como foi feita, o material usado e, nesse diálogo, sensações e tentativas de descrevê-las se fazem presente. Da mesma forma acontece diante de uma pintura. Instintivamente, afastamo-nos e nos aproximamos várias vezes, sempre na tentativa de organizar as sensações e transformá-las em pensamentos. Nessa mesma linha de raciocínio, Bondía (2002, p.19) sugere que

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos), nem a "imposição" (nossa maneira de impormos), nem a "proposição" (nossa maneira de propormos), mas a "exposição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se "ex-põe" (BONDÍA, 2002, p.25).

O corpo precisa de tempo para coletar informações quando está diante de uma performance, uma instalação artística, uma intervenção urbana e, principalmente, quando é solicitado à participação. O corpo se estranha, se encontra, se revela e, novamente, é das sensações que se nutre para esboçar a experiência. Esse conhecimento que o corpo oferece gera novos entendimentos para além dele.

Como escreveram Martins; Picosque, (2008, p.39)

Criar a oportunidade dessa lentidão para olhar, escutar ou tocar é deixar o corpo tomar a iniciativa e agir na ação silenciosa movente da coleta sensorial. permitir que o corpo trance uma rede complexa de relações sensíveis e perceptiva sobre o que vê, escuta, toca, vivenciando sensibilidades gestadas na sensação (MARTINS; PICOSQUE, 2008, p.39).

Ainda que em diferentes graus e em diferentes áreas, a sensibilidade é uma característica própria do ser humano e lhe consente tecer relações sensíveis e perceptivas sobre as experiências que a arte pode proporcionar, pois a

“expressão artística é a forma que o homem encontra para representar o seu meio social” (BIESDORF; KLOH; WANDESCHEER, 2011, s/p.).

É muito comum, durante ou mesmo após a visita a um museu, a uma exposição ou a uma sessão de cinema, as pessoas falarem de suas impressões sobre o que foi visto, sentido, acrescentando, então, às próprias experiências, algo percebido pelo outro como ampliação do conhecimento, pois como nos traz Buoro (2000, p.25) “[...] entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”

Assim, o corpo, como porta de entrada do conhecimento, dá-nos pistas sobre o que sentimos diante da arte, de tal maneira que se torna possível elaborar pensamentos a respeito das nossas próprias experiências.

Referências

BERKELEY, George. **Um ensaio para uma nova teoria da visão e a Teoria da visão confirmada e explicada**. Tradução e apresentação de José Oscar de Almeida Marques. Clássicos de Filosofia. Cadernos de Tradução n° 16. Campinas: IFCH/Unicamp, março de 2008. Disponível em: https://www.unicamp.br/~jmarques/trad/BERKELEY_Teoria_da_Visao.pdf Acesso em 13/04/2020.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDESCHEER, Marli Ferreira. **Arte, uma necessidade humana: função social e educativa**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí, UFG. 2011, vol.2, n.11. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/20333> Acesso em 13/04/2020.

BONDÍA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, n° 19, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em 22/11/2018.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Editora Afiliada. SP, 2003.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. Annablume. SP, 2005

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos da cultura**. Editora RBB Ltda. Rio, 2008.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 2005.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1993.

PRADO, Gilbertto; TAVARES, Monica; ARANTES, Priscila. **Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa** (organizadores) — São Paulo: ECA/USP, 2016. 500 p.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada - filosofia da sensação**. Campinas: Ed. Unicamp, 1ª ed., 2010.

Recebido: 29/04/2020

Aprovado: 31/07/2020